

EVOLUÇÃO DAS HIPÓTESES DE ESCRITA NOS ANOS INICIAIS: UMA EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DO PIBID.

Ana Julia de Souza Schuindt ¹
Jefferson dos Santos Silva²
lezianny Silveira Daniel ³

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), cujo foco foi acompanhar o processo de evolução dos níveis de escrita de uma turma dos anos iniciais do ensino fundamental ao longo do ano letivo de 2025. A intervenção teve como objetivo observar e registrar o desenvolvimento das hipóteses de escrita das crianças, promovendo avanços em seus processos de alfabetização, considerando suas singularidades e contextos socioculturais. O trabalho articulou-se às práticas pedagógicas da professora regente e à equipe de bolsistas do PIBID, que buscaram construir situações de aprendizagem significativas, com base em atividades de leitura, escrita e produção textual. O referencial teórico fundamenta-se nas contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que compreendem a escrita como um processo construtivo e contínuo de elaboração do conhecimento. Os resultados evidenciam avanços expressivos no reconhecimento do sistema alfabético e na produção textual, destacando a relevância das intervenções pedagógicas para o fortalecimento do processo de alfabetização e a valorização das práticas de letramento no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Alfabetização, Pibid, Escrita, Aprendizagem, letramento.

INTRODUÇÃO

A alfabetização, compreendida como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento humano, assume papel central na sociedade contemporânea, marcada pela ampla necessidade de participação ativa dos sujeitos em práticas sociais letradas. Nesse sentido, torna-se essencial compreender que o processo de alfabetização implica a compreensão do uso social da linguagem. Assim, a alfabetização deve possibilitar ao aluno não apenas decodificar palavras, mas entender seus significados em diferentes contextos, promovendo sua inserção crítica e significativa na sociedade.

1 Graduando do Curso de **PEDAGOGIA** da Universidade Federal do Paraná- UFPR, anaschuindt@ufpr.br

2 Graduando do Curso de **PEDAGOGIA** da Universidade Federal do Paraná - UFPR, jeffersonsantos1@ufpr.br

3 Doutora do Curso de **PEDAGOGIA** da Universidade Federal do Paraná- UFPR, lezianny.daniel@ufpr.br

Nessa perspectiva, as contribuições de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky assumem papel central, ao evidenciarem que a criança elabora hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita, avançando progressivamente em níveis de compreensão. Segundo as autoras, esse processo se organiza em etapas, que vão desde níveis iniciais, nos quais não há correspondência entre fala e escrita, até níveis mais elaborados, em que o aluno compreende o princípio alfabético. Tal abordagem, conhecida como psicogênese da língua escrita, permite compreender o erro como parte constitutiva da aprendizagem e não como falha, orientando práticas pedagógicas mais significativas e respeitosas ao desenvolvimento do aluno.

Em complemento, Magda Soares amplia essa discussão ao destacar a necessidade de articular alfabetização e letramento, compreendendo que o ensino da escrita deve ultrapassar a mera apropriação do código, envolvendo também seu uso em práticas sociais. Nessa mesma direção, a concepção de alfabetização como prática social dialoga com o pensamento de Paulo Freire, que a compreende como um processo de leitura do mundo, no qual o sujeito se torna capaz de interpretar e intervir na realidade em que está inserido.

O presente estudo insere-se no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e tem como foco acompanhar a evolução dos níveis de escrita de uma turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental ao longo do ano letivo de 2025. Sua relevância reside na possibilidade de compreender, à luz do referencial psicogenético, como se configuram os avanços nas hipóteses de escrita e de que forma as intervenções pedagógicas contribuem para esse processo e teve como objetivo, analisar o percurso de construção da escrita dos estudantes, considerando suas singularidades. Para isso, adotou-se uma abordagem qualitativa, baseada na observação sistemática e no acompanhamento contínuo por meio do mapa de hipóteses de escrita, em articulação com as ações da professora regente e da equipe de bolsistas do PIBID.

De modo geral, os resultados evidenciam avanços significativos na compreensão do sistema de escrita, com progressão dos níveis iniciais para formas mais elaboradas de representação, além do fortalecimento das práticas de leitura e produção textual. Tais resultados indicam que a organização de práticas pedagógicas fundamentadas na psicogênese

da língua escrita e articuladas ao letramento contribui de maneira significativa para o desenvolvimento dos estudantes. Assim, o estudo reafirma a importância de compreender a alfabetização como um processo dinâmico, contínuo e teoricamente fundamentado, no qual o professor desempenha papel essencial na mediação e na proposição de situações de aprendizagem que favoreçam a construção do conhecimento.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, realizado em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal de Curitiba, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A investigação fundamentou-se na observação sistemática dos estudantes ao longo do ano letivo de 2025, tendo como principal instrumento o mapa de hipóteses de escrita, que possibilitou o registro contínuo dos níveis de desenvolvimento da escrita em diferentes momentos do processo de alfabetização.

A organização das práticas pedagógicas partiu de um diagnóstico inicial dos níveis de escrita da turma, a partir do qual foram planejadas atividades diversificadas ao longo das aulas, foram desenvolvidas, em média, três a quatro atividades por período. Nesse contexto, as propostas foram estruturadas de forma intencional, considerando as hipóteses de escrita dos estudantes, o que possibilitou a adaptação das intervenções pedagógicas conforme suas necessidades, favorecendo avanços progressivos na compreensão do sistema de escrita e respeitando seus diferentes ritmos de aprendizagem.

A atuação ocorreu em articulação com a professora regente e a equipe de bolsistas do PIBID, composta por oito integrantes, que se revezavam ao longo da semana, possibilitando um acompanhamento mais próximo dos estudantes e a realização de intervenções mais direcionadas. O registro dos dados foi sistematizado de forma periódica, com análise mensal do mapa de hipóteses de escrita, permitindo o acompanhamento da evolução dos alunos ao longo do tempo. A análise foi fundamentada na classificação dos níveis de escrita proposta por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, compreendendo as fases pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética, sendo também consideradas as práticas pedagógicas desenvolvidas, especialmente aquelas que envolviam leitura compartilhada, produção textual e atividades coletivas no quadro.

No que se refere aos aspectos éticos, foram respeitados os princípios relacionados à pesquisa em contexto educacional, preservando a identidade dos estudantes e garantindo o uso dos dados exclusivamente para fins acadêmicos. As imagens utilizadas foram autorizadas pela instituição de ensino, sendo empregadas de forma a não expor a identidade dos participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da alfabetização adotada neste estudo fundamenta-se na perspectiva construtivista proposta por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, cuja contribuição representa um marco na ruptura com concepções tradicionais de ensino da escrita baseadas na memorização e na repetição. Para as autoras, a aprendizagem da língua escrita deve ser compreendida como um processo ativo de construção, no qual a criança elabora hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita, atribuindo sentido às suas produções desde os estágios iniciais.

Nesse sentido, a psicogênese da língua escrita desloca o foco do ensino para o processo de aprendizagem do aluno, ao evidenciar que as produções infantis não são aleatórias, mas organizadas segundo uma lógica própria. Conforme destacam Ferreiro e Teberosky, “a escrita infantil segue uma linha de evolução regular, através de diversos modos de organização” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999), o que permite afirmar que o desenvolvimento da escrita ocorre de forma progressiva e estruturada, ainda que não linear. Essa compreensão implica reconhecer o erro não como falha, mas como expressão das hipóteses construídas pela criança, constituindo-se como elemento central para a intervenção pedagógica.

A partir dessa perspectiva, os níveis de escrita — pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético — não devem ser compreendidos como etapas rígidas, mas como formas de organização do pensamento infantil acerca da escrita. No nível pré-silábico, a criança ainda não estabelece relação entre a escrita e a fala, produzindo registros que não correspondem ao valor sonoro das palavras. No nível silábico, passa a atribuir uma letra para cada sílaba, evidenciando uma primeira tentativa de sistematização. Já no nível silábico-alfabético, observa-se um momento de transição, no qual diferentes estratégias são

mobilizadas. Por fim, no nível alfabético, a criança compreende o princípio alfabético, sendo capaz de representar de forma mais convencional a escrita.

Dessa forma, compreender os níveis de escrita implica reconhecer que o processo de alfabetização exige práticas pedagógicas que considerem as hipóteses dos estudantes como ponto de partida para a aprendizagem. Nessa direção, o papel do professor assume caráter mediador, sendo responsável por propor situações didáticas que desafiem o pensamento do aluno, favorecendo a reconstrução de suas hipóteses. Tal entendimento dialoga com as contribuições de Vygotsky, especialmente ao considerar que a aprendizagem ocorre inicialmente no plano social para, posteriormente, internalizar-se no plano individual.

Além disso, ao considerar a alfabetização como prática que ultrapassa a dimensão técnica da escrita, torna-se necessário articulá-la ao conceito de letramento. Nesse sentido, Magda Soares defende que alfabetizar não se restringe à apropriação do sistema alfabético, mas envolve a inserção do sujeito em práticas sociais de leitura e escrita. Essa perspectiva amplia a compreensão do processo alfabetizador, ao reconhecer que o domínio da escrita deve estar associado à sua função social. Tal concepção aproxima-se do pensamento de Paulo Freire, que compreende a alfabetização como um ato político e social, no qual o sujeito aprende a “ler o mundo” para além da palavra escrita. Assim, a aprendizagem da leitura e da escrita passa a ser entendida como instrumento de participação social e de construção da autonomia.

Dessa forma, ao articular as contribuições de Ferreiro e Teberosky com as perspectivas de letramento e de mediação social da aprendizagem, compreende-se a alfabetização como um processo dinâmico, construtivo, socialmente situado e mediado por práticas pedagógicas intencionais. Essa abordagem sustenta a análise desenvolvida neste estudo, ao permitir compreender os avanços nos níveis de escrita como resultado de intervenções pedagógicas intencionais, fundamentadas na compreensão do aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados iniciou-se a partir do diagnóstico dos níveis de escrita dos estudantes, realizado no início do acompanhamento, o que possibilitou sua classificação conforme as categorias propostas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Esse primeiro levantamento revelou a predominância de alunos nos níveis pré-silábico e silábico, indicando que parte significativa da turma ainda se encontrava em etapas iniciais de compreensão do sistema de escrita alfabética. Tal cenário evidenciava que muitos estudantes ainda não estabeleciam relações sistemáticas entre oralidade e escrita, produzindo registros marcados por hipóteses próprias sobre o funcionamento da linguagem escrita, o que confirma a compreensão de que a alfabetização se constrói de maneira gradual e progressiva.

A partir desse nivelamento inicial, o planejamento pedagógico foi organizado de maneira intencional, considerando as especificidades de cada grupo de alunos. As intervenções passaram a ser estruturadas com base nas hipóteses de escrita apresentadas, de modo que cada estudante fosse desafiado a avançar a partir de seu próprio nível de compreensão, evidenciando uma prática alinhada à perspectiva construtivista.

A evolução dos níveis de escrita ao longo do ano pode ser observada na Tabela 1.

Tabela 1 – Evolução dos níveis de escrita dos estudantes ao longo de 2025

níveis de escrita	Início	Meio	Final
pré-silábico	5	1	0
silábico sem valor sonoro	2	2	2
silábico com valor sonoro	6	1	1
sillabico-alfabetico	2	3	2
alfabético	9	14	18

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A análise dos dados evidencia um deslocamento progressivo dos estudantes dos níveis iniciais para níveis mais elaborados de escrita, com redução significativa dos níveis pré-silábico e silábico e ampliação dos níveis silábico-alfabético e alfabético ao final do período analisado.

Esse movimento revela não apenas um avanço quantitativo, mas uma transformação qualitativa na forma como os alunos compreendem o funcionamento do sistema de escrita, especialmente no que se refere à relação entre fonema e grafema. Esse avanço torna-se ainda mais evidente quando analisado à luz de situações concretas vivenciadas em sala de aula.

Destaca-se o caso de um estudante imigrante, inicialmente classificado no nível pré-silábico, que apresentou progressos significativos ao longo do ano, aproximando-se de níveis mais elaborados de escrita. Tal trajetória evidencia que o desenvolvimento da escrita não está condicionado exclusivamente a fatores linguísticos prévios, mas à qualidade das interações pedagógicas e às oportunidades de aprendizagem proporcionadas, reforçando a concepção de que o aluno é sujeito ativo na construção do conhecimento.

As práticas pedagógicas desenvolvidas foram fundamentais para esse processo. Durante as atividades coletivas no quadro, os estudantes eram incentivados a explicitar suas hipóteses de escrita, sendo conduzidos por meio de intervenções que priorizam a reflexão, e não a simples correção. Estratégias como a segmentação fonética — ao decompor palavras em unidades menores — possibilitam que os alunos identificassem os sons da fala e estabelecessem relações com sua representação gráfica. Nesse contexto, a mediação da professora acontecia por meio de questionamentos que levavam os alunos a pensar sobre a escrita, como ao perguntar qual letra poderia representar determinado som. Em vez de oferecer respostas prontas, a intervenção era feita de forma a ajudar os estudantes a refletirem sobre os sons das palavras e suas representações, favorecendo, assim, avanços em suas hipóteses de escrita.

A organização dos estudantes em grupos por nível também se mostrou uma estratégia relevante. Enquanto alunos em nível pré-silábico realizavam atividades com alfabeto móvel, buscando reconhecer e diferenciar letras, os estudantes em nível silábico eram desafiados a produzir frases, ampliando sua compreensão sobre a estrutura da escrita. Essa diferenciação

das propostas evidencia a importância de práticas pedagógicas ajustadas às necessidades dos alunos, promovendo avanços mais consistentes e significativos.

Os registros das produções dos estudantes corroboram essa análise. Em níveis mais avançados, observa-se a produção de frases com estrutura definida e construção de sentido, ainda que com desvios ortográficos, como em enunciados do tipo “O pato nado na lagoa”. Tais produções indicam que o aluno já compreende aspectos fundamentais da escrita, como segmentação e organização textual, encontrando-se em processo de consolidação das convenções ortográficas. Por outro lado, em níveis iniciais, os registros evidenciam tentativas de representação ainda não convencionais, com uso de letras sem correspondência sistemática com os sons da fala, demonstrando o estágio inicial de compreensão do sistema.

Atividades específicas, como aquelas voltadas à identificação de letras iniciais e finais e à associação entre palavras e imagens, também contribuíram para o avanço dos estudantes, especialmente nos níveis iniciais. Nessas propostas, os alunos eram levados a refletir sobre os sons das palavras e suas representações gráficas, favorecendo a construção do princípio alfabético de forma progressiva.

Outro elemento relevante foi a elaboração de um livro de receitas coletivo, desenvolvido em parceria com as famílias. Ao trazer receitas tradicionais de casa e participar da construção de um material coletivo, os estudantes vivenciaram a escrita em um contexto social significativo, compreendendo sua função social. Essa prática contribuiu não apenas para o avanço nos níveis de escrita, mas também para a ampliação do letramento, ao inserir a linguagem escrita em situações reais de uso.

As práticas desenvolvidas estiveram alinhadas às orientações do currículo da rede municipal de Curitiba, assegurando coerência entre o trabalho pedagógico e as diretrizes educacionais. Nesse sentido, os resultados evidenciam que o avanço dos estudantes está diretamente relacionado à articulação entre o diagnóstico inicial, o planejamento pedagógico e as intervenções fundamentadas teoricamente. Para fins de exemplificação, apresenta-se no Apêndice A o mapa de hipóteses de escrita utilizado no acompanhamento dos alunos, o qual ilustra os diferentes níveis de escrita e os avanços observados ao longo do processo.

Dessa forma, os resultados permitem afirmar que o desenvolvimento da escrita não ocorreu de maneira espontânea, mas foi resultado de um trabalho pedagógico sistematizado, que considerou as hipóteses dos alunos como ponto de partida e promoveu intervenções capazes de favorecer sua progressão. Tal evidência reforça a importância de práticas alfabetizadoras que compreendam o sujeito como ativo em seu processo de aprendizagem, em consonância com as contribuições teóricas da área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo evidenciou que a alfabetização se constitui como um processo gradual, dinâmico e diretamente relacionado às intervenções pedagógicas realizadas no cotidiano escolar. O acompanhamento sistemático dos níveis de escrita dos estudantes, por meio do mapa de hipóteses de escrita, permitiu observar avanços significativos ao longo do ano letivo, evidenciando a importância de práticas pedagógicas organizadas a partir das necessidades concretas da turma e das singularidades presentes no processo de aprendizagem.

Os resultados demonstraram que o diagnóstico inicial desempenhou papel fundamental na orientação do planejamento das atividades, possibilitando a organização de propostas diferenciadas conforme os níveis de escrita apresentados pelos estudantes. Essa organização favorece intervenções pedagógicas mais direcionadas, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem e contribuindo para que os alunos avançassem progressivamente na compreensão do sistema de escrita alfabética.

As experiências desenvolvidas no contexto do PIBID evidenciaram, ainda, a relevância do trabalho colaborativo entre professora regente e bolsistas, especialmente na construção de situações didáticas voltadas à reflexão sobre a escrita, a leitura e a produção textual em contextos significativos. Atividades coletivas, agrupamentos por níveis e propostas vinculadas ao uso social da escrita mostraram-se estratégias importantes para o fortalecimento do desenvolvimento alfabetizador e para a ampliação das possibilidades de participação dos estudantes nas práticas de linguagem.

À luz do referencial teórico adotado, especialmente das contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, reafirma-se que as hipóteses elaboradas pelas crianças constituem

parte essencial do processo de aprendizagem, devendo ser compreendidas como manifestações do pensamento infantil e não como erros a serem corrigidos mecanicamente. Da mesma forma, a articulação com as contribuições de Magda Soares permitiu compreender que alfabetizar implica também inserir os estudantes em práticas sociais de leitura e escrita, nas quais a linguagem assume sentido para além da dimensão escolar.

Por fim, destaca-se que a continuidade do trabalho no ano de 2026 amplia as possibilidades de acompanhamento e análise do desenvolvimento dos estudantes, permitindo aprofundar reflexões sobre os impactos das intervenções pedagógicas ao longo do tempo. Nesse sentido, este estudo reafirma a escola como espaço de produção de conhecimento e evidencia a importância de práticas alfabetizadoras teoricamente fundamentadas, sensíveis às singularidades dos sujeitos e comprometidas com uma aprendizagem significativa e socialmente contextualizada.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Brasília: CAPES, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/capes>. Acesso em: 7 abr. 2026.
- CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. Currículo do Ensino Fundamental: anos iniciais. Curitiba: SME, 2020.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

